



Não beba Vinho do Porto: invista nele e ganhe dinheiro a sério

Em 1996, a "Decanter" criou um índice para o Porto Vintage que já valorizou 22 pontos. Este negócio tem futuro e uma vantagem adicional: se correr mal, pode-se sempre beber o vinho.

Amesterdão, Holanda, 7 de Novembro de 2012. Na rua Cornelis Schuytstraat, 57 – sede neerlandesa da prestigiada agência de leilões Christie's – os apreciadores de vinhos raros e excepcionais vão-se amontoando nos vários salões da vivenda de traço austero, pintada de um cor-de-rosa deslavado, semelhante a quase todas as outras do sossegado bairro. Nas mãos, seguram o catálogo do que os trouxe ali, alguns deles vindos do estrangeiro especificamente para tomarem parte no leilão. Na capa do catálogo, uma foto de seis garrafas de Graham's Porto Vintage 1945, da Casa Symington – um dos lotes que daí a pouco iria à praça com uma base de licitação de 3.300 euros.

No meio de muitos outros lotes provenientes das mais prestigiadas regiões do mundo, as seis garrafas da Graham's acabariam por ser licitadas por 6.325 euros – quase o dobro do lance inicial proposto pela Christie's, pelo que cada garrafa chegou ao preço de 1.054 euros.

"Só o facto de as garrafas de Graham's terem sido usadas para ilustrar a capa do catálogo do leilão da Christie's revela bem a reputação do Vinho do Porto Vintage como um activo apetecível para investidores e colecionadores de grandes vinhos", afirmou a Symington, que possui uma extensa lista de exemplos de vintages da sua autoria que atingiram preços "muito interessantes" em leilões por todo o mundo.

Servirá este exemplo para convencer um investidor a colocar parte dos seus activos na compra de Porto Vintage – como se investisse em ouro, acções ou imobiliário? Não: ninguém investe numa 'commodity' se esta não fizer parte de um mercado minimamente estrutu-

rado, mensurável, que obedeça às leis da oferta e da procura. Pois bem, ao contrário do que ainda pensam muitos portugueses – esses que vivem no país onde nasce esta bebida a que quase não ligam nenhuma – o Vintage é uma 'commodity' com um mercado estruturado.

Crescer a contracção

O Índice PSI 20 – que mede a relação entre as vinte maiores empresas da Bolsa portuguesa e as diabruras da classe política autóctone – anda por estes dias na casa dos 5.380 pontos, mais coisa menos coisa, depois de ter recuperado dos 4.800 pontos com que encerrou o ano transacto. Em Dezembro de 1996, o PSI 20 estava nos 5.000 pontos – pelo, quem tivesse investido 100 euros (ou o equivalente, 20 mil escudos) num fundo sobre o índice nacional, teria agora a grossa maquia de 107,6 euros, tendo ganho cerca de 0,44 cêntimos ao ano, em média. Não é mau (nestes tempos conturbados, um ganho na Bolsa já é de louvar) mas, convenhamos, não é grande coisa.

Tomar Dezembro de 1996 como base de análise não é um acaso: foi nessa altura que a prestigiada revista britânica "Decanter" criou aquilo a que chamou o Port Index – um índice de cotações dos preços atingidos pelos Vintage nos mercados internacionais. Ora, sucede que o índice (que tem nove títulos ou marcas de Porto), que começou nos 100 pontos, está neste momento nos 122. De onde resulta que, quem tivesse gasto 100 euros em Porto Vintage em 1996 teria ganho 1,29 euros ao ano em média – ou seja, três vezes mais que no PSI 20, contando, claro, que tivesse resistido a consumir a 'commodity', o que nem sempre é fácil.

Os segredos do investimento

Mas que mercado é este, que não só não tem qualquer histórico em Portugal, como aparentemente é do desconhecimento de um número substancial de investidores? O melhor é colocar a per-

PORT INDEX

122

pontos, é quanto vale hoje o índice criado pela Decanter. Significa isto que quem tivesse gasto 100 euros em Porto Vintage em 1996 teria ganho 1,29 euros ao ano em média – ou seja, três vezes mais que no PSI 20.

gunta a quem saiba, que nisto de bolsas, índices e cotações é a própria Comissão de Mercado de Valores Mobiliários a aconselhar moderação aos desavisados. Nick Heath, director de marketing e responsável pelos mercados Asiáticos da The Fladgate Partnership (Taylor's, Fonseca e Croft, todas marcas constantes do índice Decanter), é a pessoa certa para nos ajudar a descobrir.

"O aumento do valor dos vinhos Porto Vintage é consensual. E sustentado – uma vez que há uma enorme confiança dos mercados num produto que mantém um nível muito elevado de qualidade", que se pode verificar todos os anos que são declarados vintages, diz Nick Heath – para quem "a procura de vinhos do Porto Vintage para investimento cresce sempre nas alturas em que os restantes instrumentos de colocação de poupanças – nomeadamente os tradicionais como as acções ou as obrigações – estão em baixa".

Nesse quadro, tudo se conjuga: a bolsa nacional não podia estar mais deprimida e os Vintage 2011 acabam de chegar ao mercado depois de terem sido revelados ao mundo com bastante pompa e muita circunstância. "Os vinhos do Porto Vintage 2011 representam uma das maiores e uma das melhores declarações de vintage de que há memória; nesse sentido, são ideais para quem quiser investir", afirma Manuel Novaes Cabral, presidente do Instituto do Vinho do Douro e Porto – que considera este mercado, o do investimento, uma área que carece de uma atenção mais fina que a que mereceu até agora.

Nick Heath não podia estar mais de acordo. Até porque "o grande mercado de investimento em vintages é o britânico". A tradição de investimento do mercado britânico, conta Heath, motivou o aparecimento de um tipo de empresas que, em Portugal, nem sequer existem: são uma espécie de 'baby sitters' para vinhos de excepção. Os donos destes vinhos que não tenham tempo, gosto ou condições, podem entregar-lhes as suas garrafas – que delas tratarão como se se tratasse de uma preciosidade. E é isso que elas são. Mas estas empresas fazem mais que guardar garrafas em salas climatizadas. Elas contribuem também para certificar ao menos parte da história 'pessoal' de uma garrafa de Porto.

Prova de vida

E isso é fundamental. Como recorda Nick Heath, não vale a pena apresentar uma garrafa a leilão por muito antiga ou nobremente vintage que seja, se não se puder provar a sua proveniência ou fornecer notícia fidedigna das andanças por que passou desde o momento em que saiu dos armazéns da empresa produtora. Sem esse histórico, uma garrafa pode perder até 70% do seu valor.

Mas este mercado não vive apenas à custa de leilões. Para Nick Heath, a venda directa em mercados emergentes também pode ser uma óptima aposta de investimento. Com a China à frente, como seria de calcular. O interesse do mercado asiático começou há três anos, quando o governo de Hong Kong decidiu abolir a carga fiscal sobre vinhos vendidos no seu território. Resultado: os maiores leilões do mundo dos vinhos deixaram a Europa e passaram a realizar-se na antiga possessão britânica. Pouco tempo depois, a voragem consumista dos 400 milionários que o 'comunismo de fachada capitalista' chinês gerou tomou conta da ocorrência: com os vinhos de Bordéus e Borgonha à cabeça, aquelas 400 almas compram tudo o que cheira a luxo do Ocidente. "Os vinhos do Porto Vintage não se podem atrasar", diz Nick Heath, "É preciso ir lá, explicar o que é o Vintage, mostrar-lhes o 'glamour' que lhe está associado".

Para isso, já há um instrumento: a Vintage Port Academy, uma auspiciosa e pouco comum colaboração entre a The Fladgate Partnership e a Symington, uma organização que pretende formar e iniciar estrangeiros no mundo muito antigo do Porto, que desta forma servirá de embaixadores mundiais da 'commodity'.

Este é apenas mais um caminho para aumentar as vendas de Vinho do Porto no mundo. Até porque tudo aponta para que seja um investimento seguro. E depois, ao contrário do que sucede com o ouro, com as acções ou com posições em private equities, se tudo correr mal, é sempre possível, simplesmente, beber o Vinho do Porto.